



DL-01

Ses. Esp. 14/11/13

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão, para comemorar os 30 anos da Central Única dos Trabalhadores, proposta por este deputado que vos fala.

Quero convidar para compor a Mesa: Luiz Alberto, deputado federal do Partido dos Trabalhadores; Aparecido Donizete Silva, dirigente nacional da CUT; Cedro Silva, meu querido companheiro e colega de trabalho, presidente da Central Única dos Trabalhadores-Bahia; a querida amiga Elisângela Araújo, diretora da Federação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura Familiar e da CUT; Fátima Nunes, deputada estadual, minha querida amiga e colega de trabalho; Sérgio Guerra, nosso querido pensador das causas possíveis e impossíveis, historiador e fundador da CUT; Moisés Rocha, meu querido amigo vereador da cidade de Salvador e dirigente do Sindicato dos Petroleiros; Luiz Carlos Suíca, outro companheiro de longas datas do movimento sindical e vereador da cidade de Salvador; Joviniano Neto, essa pessoa de quem nos orgulhamos bastante por sua luta pelos direitos humanos, parceiro de longas datas e integrante da Comissão Estadual da Verdade; Moema Gramacho, minha companheira e amiga de longas datas, ex-dirigente sindical, ex-prefeita de Lauro de Freitas e, atualmente, secretária de Estado, representando o governador Jaques Wagner.

Neste momento, ao som de um dos autores musicais, o compositor que nos inspirou na nossa época de sindicato no Polo Petroquímico de Camaçari, ouvindo Edson Gomes, quero convidar algumas pessoas para ocupar as cadeiras da primeira fila: trabalhadores do transporte rodoviário – Neila Rocha; trabalhadores do serviço doméstico – Maria José ; trabalhadores do Saneamento, Nadilene Sales; trabalhadores do serviço público federal, meu querido amigo Edvaldo Pitanga; trabalhadores de limpeza e conservação, Jaqueline Santos Dias; trabalhadores do setor petróleo, meu querido amigo Paulo César Chamadoiro, que era bom de bola; trabalhadores da assistência social, Emanuelle Neri; serviço de vigilância, meu querido amigo de longas datas Djalma Queiroz; trabalhadores da



Agricultura Familiar, já está aqui na Mesa minha querida amiga Elisângela; trabalhadores do setor elétrico, Maria Cristina Brito. (Palmas.)

Ao longo da sessão, vamos chamando alguns companheiros. Quero chamar meu querido Peu, que foi da área petroquímica, da Fapen e depois passou para a de petróleo. (Palmas.)

Chamo também, representando essa nova geração da área petroquímica, que já não é tão nova, meu querido Desmond. (Palmas.)

Chamo para compor a Mesa, já que não temos mais entre nós o primeiro presidente da Central Única dos Trabalhadores aqui na Bahia - então é para homenageá-lo -, o segundo presidente da CUT, hoje servidor desta Casa, meu querido Pery Falcon. (Palmas.)

Registro a presença do deputado Bira Corôa e da deputada Maria Luiza. (Palmas.)

Convido a Sr^a Coordenadora do DIEESE, Ana Georgina Dias, que representa esses técnicos que sempre têm ajudado a todos nós.

Neste momento assistiremos à apresentação de um DVD sobre o histórico da Central Única dos Trabalhadores.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas.)



7626-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or. Rosemberg Pinto

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Boa-dia a todos e a todas.

Saúdo todos os presentes.

Quero parabenizar o propositor desta sessão especial, deputado Rosemberg Pinto, e, ao mesmo tempo, conceder-lhe a palavra na tribuna. (Palmas.)

O Sr. ROSEMBERG PINTO:- Bom-dia, meus queridos companheiros e companheiras.

Quero saudar minha querida amiga Moema Gramacho, secretária de Desenvolvimento Social; meu querido amigo e deputado federal Luiz Alberto; Donizete, das velhas lutas em plano nacional; Elisângela, representante dos trabalhadores da agricultura familiar – pois tenho um orgulho imenso de lá, em Lauro de Freitas, ter feito aquela fundação com muito trabalho e Dorinha foi parte desse processo –; meu querido amigo Cedro Silva, que hoje conduz a nossa Central.

E, com isso, aqui, também, quero fazer uma especial fala para o nosso querido amigo Martiniano, que não se encontra presente hoje, porque está acompanhando um problema de saúde da sua esposa, uma vez que a mesma, inclusive, encontra-se internada em hospital. Tenho a convicção de que todos nós estaremos dando muita energia para que ela possa se restabelecer rapidamente e voltar ao convívio da sua família.

Saúdo o meu querido amigo Sérgio Guerra, presente em várias batalhas do movimento sindical, mas também do Movimento de Canudos, pois ele acha que esse foi um movimento revolucionário, comunista e de divisão de poder. No que pese o fato de este movimento haver tido uns probleminhas, ele diz o seguinte sobre o assunto:



“Rosemberg, se em uma sociedade não tiver, pelo menos, um roubinho de galinha, uma coisa assim, não é uma sociedade. Aí é o céu. Tem de ter um probleminha para a gente administrar.”

Saúdo o meu querido Moisés Rocha, vereador da cidade de Salvador; meu colega da Petrobras, dirigente do movimento sindical, vereador Luiz Carlos Suíca; deputada Fátima Nunes, deputada estadual, através dela aproveito para saudar os deputados presentes, especialmente o meu querido Bira Corôa, que é também dessa área, os professores Joviniano Neto, minha querida Georgina, que conduz bem o nosso Dieese; meu querido amigo Pery Falcón, história viva desde o início da nossa labuta para a formação da Central Única dos Trabalhadores, queria dizer que é um momento extremamente importante para todos nós. Esta sessão especial, na realidade, é a continuidade das comemorações dos 30 anos da Central Única dos Trabalhadores. Participamos juntos, outro dia, lá na Câmara de Vereadores, de uma sessão tão especial quanto esta, de iniciativa do vereador Suíca.

Hoje é um momento de lembrarmos vários fatos que precederam e continuaram depois, durante a construção e a consolidação da nossa Central. Não poderia deixar de lembrar o nosso companheiro que não está mais conosco, Zé Olívio, o primeiro presidente da Central Única dos Trabalhadores, aqui na Bahia. Anteriormente, no período da construção, era Bebê, depois veio Zé Olívio e depois, Pery. Não era um período fácil, mas muito difícil. Enfrentávamos um problema cruel de repressão à organização dos movimentos sociais.

O surgimento da Central Única dos Trabalhadores veio com o objetivo de ser um movimento sindical desatrelado do Estado. Isso rompia relações históricas de imbricamento entre o movimento sindical e o Estado brasileiro. E a Central Única dos Trabalhadores nasce para romper essa relação.

Aqui não posso deixar de lembrar Acácio Araújo, nosso companheiro, (Palmas) sem dúvida alguma deixa entre nós muita saudade. Talvez seja um dos principais batalhadores que lutaram para que essa Central, realmente, se tornasse a maior da América Latina.



Queria lembrar também alguns momentos do Sindicato dos Petroquímicos, quando saímos numa delegação, primeiro foi a Conclat, lembra, Moema? Lá em Praia Grande, em 1981, quando fomos discutir exatamente a possibilidade da construção de uma unidade entre todos os trabalhadores para que não se dividissem as visões do movimento sindical naquele momento. Saímos de lá em comissão, com o objetivo de construir uma central única, o que acabou não acontecendo da forma como gostaríamos, por conta da consolidação de uma outra visão.

Nós nos antecipamos, e a Bahia tem uma história fenomenal. Porque se constrói a Central Única dos Trabalhadores na Bahia antes da do Brasil. A Bahia tem uma história significativa. Lembro-me – e acho que foi lá no Sindicato dos Eletricitários, não é Pery? – de que definimos pela criação da Central Única dos Trabalhadores. Depois é que fomos para São Paulo. E me lembro de que saímos daqui numa delegação com Almerico, Ivan Pugliese etc, e lá na formação da nossa central, alguns obviamente desistiram desse processo e foram para uma caminhada na construção de uma outra central, que tenho um respeito muito grande, e nós persistimos na luta para ter uma central única que rompesse com as estruturas dessa relação com o Estado brasileiro. Não posso deixar aqui de lembrar do nosso querido Zé Novais, de Vitória da Conquista, que chegou com alguns ônibus na antiga estação de cinematografia, acho que Vera Cruz, onde criamos lá, não é, Luiz Alberto, a central, e ele chegou com os ônibus. Foi um grande debate porque tínhamos que reunir a bancada, obviamente, da Bahia para tentar traçar um procedimento único na relação da criação da Central Única dos Trabalhadores.

Quero citar esses nomes para lembrar todos os outros que não puderam e não estão aqui presentes do ponto de vista de vida e do ponto de vista de não poder estar aqui presenciando esta sessão especial. Dizer que a Central Única dos Trabalhadores consolidou no Brasil uma outra forma de organizar os trabalhadores a lutar pelos seus direitos. Era impossível se pensar em um presidente da República oriundo dos movimentos sindicais, mas não tenho dúvida de que a Central Única dos Trabalhadores foi fundamental para que tivéssemos no Brasil um presidente oriundo da classe dos trabalhadores.



A Central Única dos Trabalhadores coordenou diversas manifestações no Brasil inteiro. Isso nos levou a conceber um posicionamento de que era inadmissível conviver com uma situação na qual os trabalhadores tinham que estar sofrendo a cada ano lutando para ter um salário mínimo digno. Pelo menos, um salário que pudesse, como o presidente Lula dizia, ter condição de pagar o café, o almoço e a janta daqueles que trabalhavam.

O salário mínimo era menor do que a comida que o patrão pagava para o trabalhador. Aquele trabalhador ao final do mês recebia menos do que o patrão gastava com a comida que lhe dava para que ele executasse as suas tarefas laborais. Isso é para entendermos o tamanho da exploração aos trabalhadores. A força de trabalho valia menos que o alimento que lhe sustentava. Essa foi uma luta muito grande da Central Única dos Trabalhadores para que chegássemos hoje a um patamar, que não é o ideal, o Dieese vai dizer isso para todos nós aqui. Sem dúvida alguma aqueles 100 dólares que os governos neoliberais diziam que era importante se chegar, hoje esses 100 dólares estão lá atrás com relação àquela proposição que se fazia naquele momento.

Dizer que a Central Única dos Trabalhadores nos orgulha bastante porque conduz um segmento dos trabalhadores da sociedade baiana e brasileira no sentido de romper ainda com estruturas que mantêm essa relação ligada com o Estado brasileiro. E a autonomia dos sindicatos precisa ser persistida, batalhada.

Quero aqui mostrar essa carta sindical. Isso aqui hoje é um orgulho para todos nós e quero aqui, Dorinha, fazer uma homenagem à sua luta, sua batalha para que pudesse ter tido a organização do sindicato dos servidores públicos da Filadélfia. Hoje, temos aqui a carta sindical que quero passar para você para que possa entregar aos servidores da Filadélfia. Eu ainda hei de ver o Estado não ter a necessidade de fazer a carta sindical e que os trabalhadores possam ter a autonomia de fazer as suas organizações e registrá-las civilmente para que possamos, de uma única vez, desatrelar nossas relações do Estado. É isso que nos dá autonomia e é nisso que temos que persistir.



Eu recebi régua e compasso no movimento sindical e me orgulho bastante disso. A nossa luta era para acabar com o imposto sindical, que era a base dessa relação. Ainda não conseguimos.

Cedro, acho que a Central Única dos Trabalhadores deve continuar batalhando nesse sentido, para buscarmos uma forma real de criar a sobrevivência para nossas instituições e possamos romper, de fato, com essas relações. É por isso que a Central Única dos Trabalhadores tem história, tem o que dizer.

Quero fazer uma referência, aqui, a todos os ex-dirigentes sindicais, a todos os trabalhadores que compõem essa Central, que é feita das bases, porque as bases é que são capazes de fazer a movimentação. Os representantes que estavam aqui, nós, que éramos representantes naquele momento e vários que ainda são hoje só nos consolidamos como representações porque essa força mágica dos trabalhadores que se organizam nos seus movimentos, nas greves, nas manifestações sociais, nos movimentos de rua é que dá a capacidade e a musculatura para os dirigentes apresentarem suas manifestações e reivindicações.

Não existe reivindicação com sucesso se não houver atrás dela o movimento, que acho que tem que continuar, para consolidar a vontade e os interesses dos trabalhadores. Por isso que todos os movimentos de massa, manifestações devem ser respeitados, porque são eles que dão condição para os dirigentes arrancarem melhores condições de trabalho e salário nas mesas de negociações.

Quero dizer que a CUT foi às ruas em junho porque ela extrapola à relação apenas do ponto de vista salarial. É importante, Cedro, Donizete, que continuemos-nos orgulhando porque a Central Única dos Trabalhadores não perpassa apenas a defesa salarial e das condições de trabalho. Ela tem que estar na rua, na luta por um Brasil melhor, em condições de ser respeitado não só pelos outros lá fora, o que é importante, mas por sua população. Só iremos angariar o respeito da população quando estivermos fazendo o que a rua nos demonstra.



É lógico que precisamos estar atentos para algumas coisas. Não podemos apenas achar que destruir algumas coisas que construímos no passado é estarmos fazendo uma nova forma de democracia.

Submeto-me, aqui, à decisão do meu partido e votarei a favor do voto aberto se esta Casa apresentar um projeto de lei. Nas temo que esse voto aberto, nas condições em que está sendo debatido, traga um grande problema à democracia brasileira.

Quero deixar claro, aqui, que desafio se votar numa Casa Legislativa abertamente um veto de qualquer governador, seja governo do PT, do PMDB etc. O Parlamento acaba ficando extremamente refém do Executivo porque a Maioria não deixará que se expresse dessa forma.

Não estou falando de governador A, B ou C, estou falando do Executivo, que, por natureza, acaba passando uma posição de um exercício de pressão em cima do Legislativo, minha querida Moema Gramacho. Se não construirmos as bases necessárias para romper com essa pressão e construir a máxima autonomia teremos um Poder Legislativo extremamente refém do Executivo.

Não foi isso que a CUT me ensinou, e não foi isso que os trabalhadores me disseram que eu teria de fazer aqui. Por isso, submeto-me a uma posição coletiva, mas deixo registrado algumas questões ouvidas nesse processo.

Aqui é uma sociedade que recebe pressão por todos os lados. Em um estado como este, onde a mídia faz uma pressão violenta seja para o bem ou para o mal, desafio que casa legislativa vota contra um título de cidadão para um proprietário de uma rede de comunicação. Por isso, esse debate precisa ser melhor colocado, uma vez que é mais democrático pagar um preço pela luta democrática e pela democracia que traçamos.

Parabéns, Central Única dos Trabalhadores! Vida longa à Central Única dos Trabalhadores! Viva a Central Única dos Trabalhadores capaz de romper com essa relação do atrelamento ao Estado!

Um abraço! (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7627-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or. Cedro Silva

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Parabéns, nosso presidente! Registro as presenças das companheiras Eurides e Rita, funcionárias que têm maior tempo na CUT; e o companheiro Denis Soares, ex-presidente da CUT/Ba.

Com a palavra o Sr. Cedro Silva, atual presidente da CUT. (Palmas.)

O Sr. CEDRO SILVA:- Bom-dia a todos e todas! Inicialmente, agradeço o deputado Rosemberg Pinto, autor desta sessão especial em homenagem à CUT pelos seus 30 anos; o vereador Luiz Carlos Suíca que igualmente teve esta iniciativa de realizar uma sessão como esta na Câmara Municipal de Vereadores; saúdo o companheiro-petroleiro Moisés Rocha; a companheira Moema Gramacho; a companheira Elisângela; Sérgio Guerra; Donizete, representando a CUT Nacional; a deputada Fátima Nunes; o deputado federal Luiz Alberto, petroleiro, autor do código da mineração; o professor Jovianiano Neto; a nossa companheira Georgina do Dieese; o ex-presidente Pery Falcon, na sua gestão foi um grande presidente e conseguiu elevar muito a CUT. Saúdo a minha diretoria estadual representada por Edson Conceição, Vladimir Cardoso, Lourival Tranquille, Manoel Moura e demais companheiros e companheiras presentes. Saúdo, também, os militantes da cidade do Salvador, os quais constroem o Partido dos Trabalhadores e a Central Única dos Trabalhadores. Pedi que todos viessem. O movimento está representado pela companheira Marilene (Levante o braço, Marilene. Cadê você?) (Palmas). Saúdo a turma do Levante Popular da Juventude (Levante o braço para a turma ver que existem esses movimentos sociais no Estado); a Consulta Popular através do nosso companheiro Mário Neto; a Macha Mundial de Mulheres (Cadê a Macha Mundial de Mulheres?); o DCE da UFBA e da Uneb.

Essa turma jovem que quer fazer política, deputado Rosemberg, entende o momento auspicioso que o País atravessa e que os nossos governantes precisam olhar, cada



vez mais, para o nosso País, para dar mais sobrevida à nossa população, para que este país que já é gigante se torne mais gigante ainda.

Quero saudar os trabalhadores que aqui representam as categorias, meu companheiro Pitanga, Paulo César, pessoas de todos os ramos, sintam-se todos reverenciados e homenageados. Um especial abraço à direção do Sindomésticos, sindicato que nasceu dentro da Central, tendo à frente o deputado federal Luiz Alberto que ajudou muito esse sindicato e continua ajudando. Minha companheira Marleide, do mais recente sindicato; meu companheiro do sindicato de condutores de viaturas especiais, de emergência; sindicatos mais novos aqui presentes.

Meu companheiro dos rodoviários, Bira, Hélio, meu companheiro Pola, do Irdeb, esse grande veículo de comunicação do Estado que abre espaço para os movimentos sociais, que abre espaço para mostrar a cultura do nosso Estado, muito diferente dos canais privados. Companheiro Rivaldo, do Sindigráficos, vou parar de falar para não cometer injustiça ao Sindae, esse grande sindicato aqui presente. Não vi a Polícia Civil ser chamada para sentar; pode vir, está fardado, veio para representar a categoria dos policiais civis.

Gostaria de saudar também os deputados presentes, Bira Corôa, Delegado Deraldo Damasceno, Fátima Nunes, Paulo Rangel.

Companheiros, companheiras, funcionários da CUT, Eurides, Vera, Daniela, Hélio, todos, TV comunitária, rádio comunitária, na pessoa de George aqui presente, passamos 30 anos homenageando vocês, e para os próximos 30 a fila também já está grande.

É uma honra muito grande presidir a Central Única dos Trabalhadores da Bahia. Temos aprendido bastante, temos colocado o bloco na rua, temos dito para sociedade que ela pode ter confiança nessa gestão porque vamos fazer aquele trabalho com o exemplo dos nossos antepassados, aqueles brasileiros e brasileiras que tiveram a coragem e capacidade de, no dia 28 de agosto de 83, debaixo de 3 graus, tomando a “cachacinha mata pelego”, fundar a Central Única dos Trabalhadores para que pudéssemos fazer a diferença no nosso País.



Fazer este país avançar naquele momento significava combater a ditadura militar, o regime que não deixava ninguém andar neste país, combater a recessão, combater o neoliberalismo, pedir “diretas já”. Foi toda essa diferença que tivemos a capacidade de fazer há 30 anos.

Quando vemos, como acabou de citar o deputado estadual Rosemberg Pinto, essa juventude na rua fazendo aquilo que já fazíamos há 30 anos, nos enchemos de orgulho porque nós concluimos que estávamos certos e vamos continuar certos, porque este país é nosso e cada vez mais temos de fazê-lo melhor para todos, para que não caia na mão do capital internacional, e eles venham ditar as regras aqui em nosso país: o que temos de fazer, para onde vai o nosso ouro, para onde vai o nosso petróleo, para onde vai a nossa agricultura. Mas não é assim.

Acho que a Central Única dos Trabalhadores tem na sua essência, tem no seu DNA, a divergência política, a divergência que faz avançar e deixar este país preparado para enfrentar as grandes potências internacionais.

Como viemos do braço do povo, a classe trabalhadora que tanto ralou a partir do chão da fábrica, hoje conseguimos verificar que este país é outro, está muito melhor para vivermos. Se tem problema de mobilidade urbana, hoje temos dinheiro para contratar serviços, abrir estradas, para botar metrô. Se tem problema de água, temos ações e conseguimos levar água para o homem do campo, levar novas tecnologias para a plantação. Enfim, é um país que desenvolve bastante a sua tecnologia, uma nação que avança bastante na educação.

E a gente tem de reconhecer que tudo isso é fruto e obra da classe trabalhadora. Tudo isso é fruto e obra da Central Única dos Trabalhadores juntamente com aquelas outras centrais que se somam a este projeto e entendem que o alinhamento tem de ser este, qual seja, o alinhamento do enfrentamento e do combate para chegarmos aonde queremos chegar com nossas reivindicações que são as conquistas para todos os trabalhadores.

Portanto, completar 30 anos nesta Central e receber o título da ONU de que esta foi a única Central, relativa a trabalhadores, no mundo que fez o papel da defesa e ampliou



os direitos dos trabalhadores, isso nos enche de muito orgulho. Isso foi dado depois de uma pesquisa em mais de 50 jornais em 17 países. Então é um reconhecimento e é um orgulho muito grande.

Para encerrar o meu discurso, nós estamos, na Central, com o meu companheiro Edson Conceição, o meu companheiro Vladimir, o meu companheiro Moura, o meu companheiro Tranquili, o meu companheiro Crispim e outros. Nós temos a responsabilidade de continuar este projeto e olhar, sempre, o exemplo de nossos antepassados que souberam construir uma central com um DNA fortíssimo que somos nós que, hoje, carregamos esta bandeira. E, por causa disso, não devemos parar.

Eis, aqui, o meu reconhecimento aos ex-presidentes Acácio, Zé Novais, Dorinha, Martiniano, Peri e tantos outros. Não posso me esquecer de citar Everaldo Augusto, Moisés Rocha, Jaques Wagner; este último esteve na chapa inicial da fundação de nossa Central. Enfim, são tantos como o companheiro Rosemberg e o meu companheiro Suíca.

Quero agradecer a vocês. Quero agradecer ao sindicatos filiados à Central.

Por isso, hoje, fiz questão de dar uma placa aos sindicatos, porque, sem querer ser repetitivo, são os sindicatos que constroem esta Central.

Quero pedir a você, Pola, que continue filmando os movimentos de rua e continue traduzindo, em nossa *TVE*, nossa estatal, aquilo que acontece de bom em nosso estado para a nossa população, porque, em outros canais de TV, não temos a capacidade de enxergar isso. (Palmas.)

Precisamos de mais rádios comunitárias. Precisamos democratizar a comunicação em nosso estado. Precisamos lutar mais por reforma agrária. Rosemberg já deu, aqui, o recado – não é isso, Rosemberg? – qual seja, que a CUT não pare de reivindicar e não pare de cobrar mais daqueles que a gente elege para fazer por todos nós. E, muitas vezes, isso para pelo meio do caminho e se perde.

Portanto, como presidente da Central Única dos Trabalhadores, oriundo do Sindipetro, Sindicato dos Petroleiros, tenho muito a agradecer como, por exemplo, ao meu companheiro Paulo César, meu grande formador na política, pois me ensinou muito.



Nós estamos, aqui, com apoio desses sindicatos e com o apoio de todos os sindicatos da Central Única dos Trabalhadores da Bahia que, hoje, somam mais de 400 sindicatos. Hoje, há um número de 1,3 milhão de trabalhadores na base para dirigir a maior Central do Brasil, a quarta maior do mundo, que tem 7 milhões de filiados, 22 milhões de trabalhadores na base. Isso não é pouca coisa!

Deve-se ressaltar o tamanho da tarefa desta Central que teve a capacidade de, em um país altamente conservador, eleger um presidente da República oriundo da classe trabalhadora para fazer a diferença para todos nós.

Muito obrigado! E vida longa à Central Única dos Trabalhadores! (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7628-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or. Luiz Alberto

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

O Sr. PRESIDENTE (Rosember Pinto):- Aproveito para registrar as seguintes presenças: Deni Soares, ex-presidente da Central Única dos Trabalhadores; Carlos Muniz, vereador de Salvador; Paulo Rangel e Deraldo Damasceno, deputados estaduais; representantes dos Sintsef e Sindcoveb; representantes da Junta Comercial do Estado da Bahia – o meu querido Hélio Portela.

Neste momento, quero passar a palavra, por cinco minutos, ao deputado federal Luiz Alberto, também petroleiro. Parece que os petroleiros estão dominando isso aqui. (Palmas.)

O Sr. LUIZ ALBERTO:- Bom-dia, companheiros e companheiras trabalhadores.

Quero saudar a Mesa em nome de nosso companheiro Rosemberg, um dos propositores desta homenagem à CUT, e ao nosso presidente da CUT, Cedro Silva; as representações de várias categorias de trabalhadores e trabalhadoras, especialmente as companheiras do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos da Bahia, que teve uma expressiva vitória, em nível nacional, quando aprovamos a PEC que reconhece a esses trabalhadores os mesmos direitos de todos os trabalhadores brasileiros.

Saúdo, também, os nossos companheiros Bira Corôa e outros deputados que passaram por aqui; os dirigentes dos sindicatos de todas as categorias que estão aqui representadas. Este é um momento muito importante.

Na esteira da ditadura militar – alguns de nós, que enfrentamos aquele período, sabemos –, os trabalhadores do Brasil criaram vários instrumentos para fazer a disputa política no País.

Desde a resistência à ditadura militar, criamos um processo de organização dos trabalhadores, e, neste momento, quero lembrar Paulo César, que é da direção do Sindicato dos Petroleiros. Quando entrei da Petrobras, em 1974, havia uma prática de a própria



empresa filiar o empregado ao sindicato. Eu achava aquilo estranho, mas, na verdade, era uma das estratégias para controlar o movimento sindical brasileiro. Uma era essa, a outra era impedir, por outro lado, a filiação livre dos trabalhadores aos seus sindicatos. A dos petroleiros era um processo em que a empresa se envolvia, praticamente comandava a direção do sindicato.

Eu entrei na Petrobras, junto com Cal Figueiredo e Germino, entre outros. Entramos na oposição sindical, que foi um dos embriões que levaram à criação da CUT, o chamado novo sindicalismo autônomo, independente. Não foi fácil.

O nosso cronista, deputado Rosemberg Pinto, descreveu a trajetória de como chegamos à fundação da CUT. Foi uma luta difícil, com muitas perseguições, muitos companheiros foram demitidos, desapareceram na luta contra a ditadura militar. Até hoje, essas feridas não foram cicatrizadas. Ontem, vivemos um momento histórico no Brasil coordenado pela presidente Dilma Rousseff, que foi a exumação do corpo do ex-presidente João Goulart. Havia uma dúvida sobre a causa de sua morte, mas com o processo de exumação pode ser revelada a verdade de que ele não morreu por um ataque cardíaco. Ele poderá ter morrido por envenenamento praticado pelos militares, que tinham uma conexão com todas as ditaduras do Cone Sul: Brasil, Uruguai, Argentina. Isso revelará a crueldade da ditadura militar que perseguia aqueles que lutavam pela liberdade.

Os trabalhadores tomaram a decisão de criar seus instrumentos políticos, como o Partido dos Trabalhadores. Aliás, foi no congresso dos petroleiros, aqui na Bahia, que Lula colocou a ideia da discussão sobre a criação de um partido. Na ocasião, a burguesia dizia que nós éramos loucos: “Como é que trabalhadores, pés-rapados querem criar um partido para dirigir a política no Brasil?” E nós, Georgina, criamos o Partido dos Trabalhadores. Elegemos vereadores, deputados, e, hoje, temos no comando da nação uma presidente da República. Alguém disse, aqui, que fizemos um gesto revolucionário num ambiente político adverso, com muita luta, e elegemos um presidente da República que a elite brasileira, até hoje, não engoliu. Até hoje, ela não engoliu o ex-presidente Lula. Um presidente que saiu do



seio, da luta dos trabalhadores, e que eles consideravam semianalfabeto, sem condições de dirigir este País e vejam bem o que nós fizemos.

O Brasil hoje é a 6ª maior economia do mundo, mas não é porque os empresários construíram essa economia, não. Fomos nós que mudamos o postulado da economia nacional, incluindo o povo brasileiro na vida social e econômica desta Nação. E ela atualmente é uma potência mundial graças ao nosso trabalho de luta política dos trabalhadores, porque até então a burguesia brasileira era submissa aos interesses do grande capital comandado pelos Estados Unidos. Lembro que, quando Lula inaugurou a sua política internacional, sua política externa, que não rompeu com os EUA, ele disse que a prioridade naquele momento era a África e a América Latina. Os Estados Unidos tiveram que engolir essa decisão de autonomia do nosso País.

Tudo isso tem a ver com a CUT, o PT, os trabalhadores e as Talvez nós, trabalhadores comuns, não imaginemos o papel que tivemos nesse processo em nível nacional e internacional quando o Brasil passou a ser ouvido nos principais foros internacionais. Na ONU e em todo lugar, este País tem hoje a voz que não tinha antes. Portanto, companheiros e companheiras, nós temos o que comemorar e comemoraremos muito mais.

Sei que muitas contradições a gente enfrenta. Uma delas, Rosemberg, você falou aqui, é o debate sobre o voto aberto. Algumas tradições que ainda resistem no Parlamento brasileiro, nós estamos acabando passo a passo. Uma delas é o voto fechado. O Senado da República quer dar um golpe nesse debate. Aprovou, agora, o voto aberto só para a cassação de mandatos. Nós, na Câmara, já votamos a PEC do voto aberto para tudo. Não é só para cassação de mandato, é para tudo. O povo tem que saber como vota o deputado, como vota o senador. E vamos apresentar uma emenda na Câmara para aprovar o voto aberto em todas as questões que hoje são regidas pelo voto fechado.

Vamos ter de fazer uma reforma política, porque não é plausível que o povo brasileiro eleja o presidente da República, como foi com Lula e Dilma, e ao mesmo tempo não tenha o controle do Parlamento. É verdade que nós temos uma base aliada que é maioria.



Mas, dependendo das matérias - principalmente daquelas mais caras para os trabalhadores -, eles se dividem e nos isolam. Aí, nós não avançamos. (Palmas!) Temos de fazer a reforma política para garantir mais trabalhadores e trabalhadoras no Congresso Nacional.

Vocês não sabem a porrada que eu tomei nestes últimos 15 dias quando apresentei uma Proposta de Emenda Constitucional para garantir que candidaturas negras possam ter mais representação naquela Casa. Eles dizem que isso é para dividir o Brasil. Não vamos dividi-lo. Ao contrário. Queremos juntá-lo. Aqui, na Assembleia Legislativa, considero uma vergonha. Cadê Bira Corôa? Neste Legislativo, de 63 deputados nós temos dois, três ou quatro, no máximo, de origem africana. E a Bahia não é isso. A Bahia é essa diversidade imensa. O Brasil, para dizer que tem democracia real, tem de estar representado com essa diversidade toda de homens e mulheres no Parlamento brasileiro, que é a Casa das decisões, a Casa que define os rumos da política, da economia e da vida das pessoas. Portanto, é o PT que está fazendo isso. Foi a CUT que comandou as grandes movimentações no País para acabar com a série de amarras que impedia o avanço da democracia.

Então, companheiro Rosemberg, parabéns por esta sessão de homenagem à maior central sindical da nossa Nação. Cedro, você tem outra tarefa. Os trabalhadores não podem se dividir a cada minuto. Nós temos de continuar brigando para garantir a unidade da classe trabalhadora, mesmo representada pelas centrais sindicais. Nós não queremos ter a hegemonia única da CUT. Aliás, essa nossa entidade surgiu permitindo, no seu seio, o debate diverso de ideias. Infelizmente não conseguimos ter todo o conjunto dos trabalhadores em torno de uma única central, mas mesmo assim o fundamental é garantir que a classe trabalhadora não se divida no projeto estratégico que estamos encaminhando no Brasil, que é o de ser o País da liberdade, da justiça e do direito para todos.

Portanto, parabéns pela homenagem à CUT, parabéns a todos nós, aos trabalhadores e às trabalhadoras do Brasil!

Um grande abraço! (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- O.K., deputado Luiz Alberto.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

O deputado Luiz Alberto vai sair daqui a pouco porque está com outro compromisso.

(Não foi revisto pelo orador.)



7629-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or. Aparecido Donizete

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Antes de passar para o próximo orador, festa de trabalhador que não tiver música não é manifestação de trabalhador. Quando íamos para o Polo Petroquímico de Camaçari, de manhã cedo, botávamos aquele som de Edson Gomes e tal. Já levamos o Ilê Aiyê. Por isso, queria aproveitar este momento para convidar o Ilê Aiyê a fazer uma apresentação para todos nós, aqui.

(Apresentação do grupo Ilê Aiyê.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Agradeço ao meu querido amigo Vovô, que é originário do Polo Petroquímico de Camaçari, e também faço uma saudação especial ao diretor do Irdeb, Pola Ribeiro, que tem dado uma contribuição imensa para a divulgação dos movimentos sociais, dessas ações, como coordenador do Irdeb. Quero você aqui para debater as questões nesta Casa. Saúdo a deputada Maria del Carmen, essa deputada batalhadora. Ela é a pessoa que mais conhece a área de infraestrutura e mobilidade urbana aqui, é especialista nessa área e ajuda muito o nosso Partido dos Trabalhadores.

Algumas pessoas vieram do Polo Petroquímico de Camaçari, que tem uma importância imensa para a formação desses blocos de identidade cultural, a exemplo de João Jorge, que trabalhou na Ciquine, fomos colegas, França foi meu colega na Fafen. A maioria desses blocos é de pessoas oriundas do Polo Petroquímico de Camaçari, que pagava razoavelmente bem naquela época. Porém, ao invés de gastarem o dinheiro particularmente, ajudaram a construir essas instituições, que hoje são representações da nossa cultura e em especial da cultura afro aqui na Bahia. Então, parabéns a todos esses trabalhadores!

Quero também registrar a presença de Bernardino Gayoso, secretário-geral do Sindipoc; Robson Brandas, da Executiva do PT de Candeias; de Zé Aristides, Casa do Verso Produções; Elisângela de Cajazeiras; Levante Popular da Juventude; Sindicato dos Rodoviários; Sindicato dos Trabalhadores Domésticos; Associação dos Artesãos dos



Alagados, Valdineide Mendes e Clécio, também da Associação dos Alagados; Cláudia Miranda, do Sindicato dos Professores Universitários do Estado da Bahia, que esteve no meu gabinete; Isabela Carmo, Luziane Santos, Marleide Santos, do Sindicato das Assistentes Sociais, e Sindilimp.

Neste momento, quero passar a palavra ao meu querido amigo Donizete, que representa a Central Única dos Trabalhadores do Brasil. Aparecido Donizete! (Palmas.)

O Sr. APARECIDO DONIZETE:- Bom-dia a todos e a todas, quero saudar a Mesa, na figura do companheiro Rosemberg e da companheira Moema, e aproveito para saudar todas as companheiras presentes.

Em primeiro lugar, quero parabenizar Rosemberg e Cedro pela iniciativa, pois é um momento único para nós, da classe trabalhadora. Fico imaginando como seria o Brasil ao longo desses 30 anos se a CUT não existisse. Então, olhando e recordando apenas o período de 83 até hoje, penso como seria o Brasil, a América Latina e posso dizer até a Europa – porque tenho alguns companheiros que andam pelo mundo – se não existisse a CUT. Isso porque em todos os espaços internacionais a que vamos, querem saber o que acontece num momento de crise como está vivendo a Europa hoje. Eu não vivi, porque nasci em 1960, mas dizem que é tanto quanto a de 1929. E o Brasil em pleno emprego! E o Brasil incluindo sociedades, classes A, E, F, C, D... Como? De que jeito? Política de salário mínimo, como foi colocado, que todos nós sabemos como ela é. Todos nós sabemos fazer conta, não precisamos mais de, em época de eleições, ficarmos lá fazendo aquelas discussões ou ouvindo aquelas demagogias daqueles senadores, deputados da direita, que faziam, negociavam aquelas bagatelas de salário mínimo. Hoje todo mundo sabe: é inflação mais 50% do PIB do ano anterior. Simples. Qualquer um faz conta hoje, é só ler um pouquinho o jornal ou no ir ao Google que se consegue fazer essa conta e saber como será o PIB.

Então, começo inciando falando isso. A segunda coisa importante que coloco também nessa avaliação é sobre em todos os momentos desses trinta anos, nós, enquanto classe trabalhadora. Tudo o que aconteceu aqui no Brasil nós tivemos papéis preponderantes. Foram ditas aqui algumas coisas: no combate ao regime militar, a classe



trabalhadora, capitaneada pela CUT, esteve à frente, com toda a sociedade como forma geral. Na década de 90, toda aquela política neoliberal que foi instalada aqui no Brasil – e a classe trabalhadora, como foi dito aqui por alguns companheiros, resistimos. Em 2000, quando foi, talvez, a maioria da CUT, podemos chamar assim, quando, no meu ponto de vista, ocorreu uma das coisas ricas, que foi, enquanto classe trabalhadora, eleger um presidente da República num país conservador como o nosso. Em hipótese alguma imaginaria neste Brasil em que vivemos, quem conhece, e todos nós conhecemos, de 1500 até 2000, imaginar que um trabalhador seria presidente da República num país como o Brasil, que tem a sua liderança aqui na América latina e no mundo, 6ª economia no mundo! Quem imaginaria? Então, em 2000 nós conseguimos consolidar isso, e não só um trabalhador foi eleito por nós mas também uma presidenta – a primeira mulher a presidir o Brasil. (Palmas.) Conseguimos – nós e todas essas ações capitaneadas por nós trabalhadores.

É verdade. Trinta anos a CUT comemora. Mas sempre digo no meu discurso: a CUT é três letras: “C”, “U,” “T”. Quem movimenta ela somos nós que estamos aqui e muitos e muitas que hoje não estão aqui porque perderam a vida para que estivéssemos aqui. Então, é um momento único, como eu disse, e rico.

Agora, isso tudo que estamos comemorando também aumenta a responsabilidade. Nós podíamos aprofundar inúmeros desafios que temos enquanto trabalhadores e trabalhadoras, ou enquanto CUT temos que responder diante desse cenário desses 30 anos. O primeiro é a juventude. Alguns e algumas reclamando por toda essa mobilização que os companheiros e companheiras da juventude fizeram. Eu, no meu ponto de vista, acho isso muito normal. E aí está um desafio para que possamos estar trabalhando. Primeiro, porque, o meu avô – vamos pegar gerações? – teve um tipo de vida e procurou dar o dobro do que ele viveu para meu pai. O meu pai, que vivenciou um tipo de situação, procurou dar o dobro do que ele viveu para mim. Eu, com certeza, estou procurando dar o dobro do que vivi para o meu filho, e aí sucessivamente: *tablet*... e aí vão essas discussões todas que estamos colocando.



Precisamos estar atentos a esses tipos de situações e não imaginar que só nós estávamos certos naquele período, nas décadas de 70 e 80, quando nós também fizemos isso querendo algo que até então não tínhamos. E também vem uma reflexão para nós: será que o que já fizemos está dentro daquilo que a juventude está aguardando ou não? É uma reflexão e um desafio, porque todos os jovens, hoje, não se pautam muitas vezes em discussões políticas como essa que estamos fazendo. Mas meu filho veio conversar sobre *facebook*, *twitter* etc., etc.

Então, tudo isso que aconteceu, a juventude monitorou via esse tipo de material. E aí faço um outro desafio: a comunicação nossa, da classe trabalhadora, está funcionando? Aqueles jornais que eu, particularmente, aí peço perdão porque sou membro da Executiva da CUT e também tenho chatice de ler aquele jornal, e olhem que alguns eu não leio, porque é chato de ler. Você acha que o trabalhador ou a trabalhadora lê aquilo? Perguntas. E nós insistimos fazer essa comunicação desde a década de 80, que foi importante, para nós, fazermos. Na década de 80 foi a mesma coisa: o caminhão de som. Aquele caminhão de som foi muito importante com Lula, Meneghelli e outros, na década de 80 a 90. Tenho dúvidas se esse caminhão de som funcionará hoje ou se está funcionando! Porque há muitos sindicalistas que dizem a mesma coisa: “Hoje estou cansado, entreguei boletim em 72 fábricas”. Olho para ele e digo: “Não li aquele boletim, tenho dúvidas”. Muitas vezes pauto aqui alguma coisa que já vem “curtiu”, “curtiu”. Então, não sei quem está certo ou quem está errado, não estou dizendo que estou certo, estou dizendo que temos que fazer reflexão para o futuro, porque temos os próximos 30 anos.

E vou encerrar e reclamar da comunicação, porque em todas as falas que vejo, vejo comunicação, a mídia, a mídia burguesa – isso já sei, e é verdade. Agora, se eu pegar todos os jornalistas do movimento sindical e comparar com a mídia burguesa, Rosenberg, temos o triplo, e com mais qualidade. Agora, cada um cuida do seu umbigo ou do seu Estado ou da sua confederação. Aí é um outro problema que vamos ter que fazer para daqui a 30 anos, e não só ficar reclamando da mídia burguesa. Porque se eu fosse um burguês, faria exatamente o que eles estão fazendo e gostaria muito de ver gente reclamando. Porque só reclama,



reclama, reclama, reclama, mas ação... Lógico que estamos fazendo algumas coisas, mas chamo à reflexão para esse *quantum* de jornalistas que nós temos, inclusive está chegando a nossa secretária de comunicação da CUT, Rosane Bertotti. (Palmas) Nós temos um universo com muito mais qualidade de jornalistas e não conseguimos nos organizar para tal.

Encerrando, Rosemberg, só dizendo que a Europa, hoje... Nós, quando nascemos, copiamos muitas organizações e muitas ações que as centrais europeias faziam, e copiamos muitas delas. Agora é o inverso, os europeus estão aguardando como a CUT se comporta para nos copiar, principalmente em 2, 3 ações. Essa relação governo-trabalhadores-central autônoma. Como eu disse, é um orgulho muito grande ter um trabalhador eleito por nós, pela classe trabalhadora, discutido e debatido no projeto nosso, mas ao mesmo tempo somos central sindical e temos que ter a nossa autonomia, e não podemos nos confundir nisso.

Então, esse é um tipo de frieza, entre outras, que os europeus e as confederações e as centrais da Europa estão espelhando no Brasil ao longo desses oito, mais quatro anos de Dilma e com certeza mais quatro que virão, pois ela será eleita no próximo ano, como comportamento da CUT, da classe trabalhadora, para que eles possam copiar e quem sabe sair da crise em que estão. Do meu ponto de vista, como Lula mesmo disse, a Europa não tem liderança suficiente da forma como a América Latina e em especial o Brasil faz para ditar uma política como fazemos no Partido dos Trabalhadores.

E no mais, só agradecer. Mais uma vez, obrigado, Rosemberg, pela iniciativa, e parabéns para todos nós, vocês, homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, por esses 30 anos da CUT, lembrando que precisamos ter muito mais, teremos que fazer uma grande reflexão para o que vem para esses próximos anos, porque hoje não somos mais um crescente, somos uma realidade e o mundo está observando esse nosso resultado.

Muito obrigado e parabéns para todos vocês. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7630-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or^a Elisângela Araújo

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, Donizeti.

Quero saudar Rosane Bertotti, a nossa secretária de Comunicação Nacional da Central Única dos Trabalhadores.

Quero neste momento agradecer a visita dos estudantes do Colégio Estadual Duque de Caxias, da Liberdade. Temos neste Poder um Programa, A Escola e o Legislativo, em que toda semana convidamos um colégio para vir aqui. E a própria Assembleia disponibiliza o transporte para que venham conhecer esta nossa Casa, onde vocês estão hoje verificando que este Parlamento também é composto da sociedade. Nele está a sociedade organizada fazendo parte dos debates sobre os diversos temas. Parabéns aos alunos da Escola Duque de Caxias.

Quero convidar a nossa querida Elisângela Araújo, da Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar.

A Sr^a ELISÂNGELA ARAÚJO:- Bom-dia a todos e todas.

Quero saudar com muito carinho o nosso querido amigo e companheiro Rosemberg Pinto, hoje deputado, e é um orgulho para nós sindicalistas da Bahia tê-lo aqui nesta Casa. É muito bom contar com ele agora nesta nova tarefa. Quero saudar também com muito carinho Fátima Nunes, a deputada do Semiárido, do sertão baiano, sempre na luta em defesa da Agricultura Familiar. Outra mulher que igualmente saúdo com muito carinho é a secretária de Desenvolvimento Social, Moema Gramacho, que também já foi dirigente da nossa Central Única neste Estado.

Ainda as minhas saudações ao nosso querido Cedro, a Pery Falcon, Denis e aos nossos ex e atual presidentes da CUT, além da Cristina, nossa vice-presidenta da CUT/Bahia, de todos os nossos diretores dessa entidade e dos sindicatos presentes a esta sessão, sem falar do querido Donizeti, companheiro da Executiva Nacional da Central Única



dos Trabalhadores. Também sou da Executiva Nacional, e hoje ela está aqui em peso. Chega outra agricultora familiar de Santa Catarina também, secretária de Comunicação Nacional da CUT. Então, nesta data, viemos privilegiar este momento importante.

Enfim, quero saudar os vereadores Moisés e Suíca, o nosso deputado federal que teve de sair, Luiz Alberto, e a companheira Georgina, do DIEESE, que também muito contribui para o movimento sindical baiano.

Quero dizer que neste momento é muito importante para nós, trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade neste País, estar celebrando neste ano os 30 anos da maior Central brasileira, que faz uma história bastante relevante e interessante na defesa dos direitos conquistados pela classe trabalhadora brasileira. Uma Central que faz também um diferencial muito grande ao ter na sua construção uma participação muito expressiva dos trabalhadores do campo, área que hoje conta com 1.348 sindicatos de agricultores e agricultoras familiares, de trabalhadores e trabalhadoras empregados rurais.

Esta Central, ao longo destes anos, contribuiu muito para as conquistas que atualmente temos, as quais celebramos principalmente nessa última década, beneficiando a classe trabalhadora e a população brasileiras no que diz respeito à distribuição de renda, a um conjunto de políticas públicas que deram mais oportunidades tanto na educação como no que diz respeito à redução da pobreza neste País, no caminho de termos um país, cada vez mais, com inclusão social.

Quero dizer que a agricultura familiar brasileira, essa agricultura familiar organizada com os sindicatos que fazem parte da Central, hoje representa quase 70% da alimentação consumida pela população brasileira e é produzida por esse setor. Esse setor tem uma importância muito grande para a geração de renda e para economia do País, é uma riqueza estar organizado pela Central, ter essa Central na defesa dos grandes desafios de um setor que produz alimentos para o País.

Quero também dizer que, neste momento, nessa conjuntura em que conquistamos muitas coisas já relatadas aqui por outros companheiros e companheiras que fizeram a sua homenagem, essa nossa Central de 30 anos tem muitos e grande desafios a serem



enfrentados nos próximos períodos. Precisamos ainda de um conjunto de políticas estruturantes, principalmente para o campo brasileiro e para aquelas regiões mais pobres deste País, principalmente para o Semiárido, composto por mais de um mil e 100 municípios. Precisamos pensar na juventude brasileira, nas perspectivas dessa juventude, das oportunidades em educação, trabalho e lazer. Precisamos pensar nos grandes problemas sociais que estamos enfrentando hoje. Temos movimentos nas ruas, e a CUT sempre esteve nas ruas, e hoje temos um conjunto de organizações e de mobilizações neste País protestando contra os problemas das cidades, da mobilidade urbana, da saúde, da educação, essa Central também pensa mais ainda numa grande perspectiva de um outro modelo de desenvolvimento para o Brasil. Um desenvolvimento com mais sustentabilidade, na questão econômica, na questão social, na questão ambiental, na questão da identidade, da cultura desse povo baiano e brasileiro.

É por isso que nós trabalhadores e trabalhadoras da Central Única dos Trabalhadores nos orgulhamos desse grande instrumento construído na defesa dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras, mas queremos dizer que nesses 30 anos fizemos grandes reflexões que precisamos cada vez mais ampliar a capacidade de mobilização e de inserção na sociedade, a fim de enfrentar os grandes desafios com a unidade dos trabalhadores das diversas centrais deste País, como também dos diversos movimentos sociais que fazem a luta e buscam a transformação no Brasil.

É com essa vontade de transformação, cada vez mais de conquista para a classe trabalhadora brasileira, que celebramos os 30 anos. E vamos celebrar muitos e muitos anos de conquistas e vitórias para toda a população brasileira e, em especial, para os trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade. Só teremos desenvolvimento neste País, só haverá inclusão social, só seremos um país rico, sem miséria e sem fome, se tivermos um desenvolvimento pensado para o campo e para a cidade, para os trabalhadores e para as trabalhadoras.

Rosemberg, parabéns por esta iniciativa, porque nesta Casa precisamos de mais representação dos trabalhadores e das trabalhadoras, porque é no Legislativo junto com o



Executivo que se fazem as mudanças para o país, no sentido de inclusão social e de pessoas vivendo com dignidade.

Viva a classe trabalhadora brasileira e viva a Central Única dos Trabalhadores (e das Trabalhadoras.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Parabéns, Elisângela.

(Não foi revisto pela oradora.)



7631-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or. Luiz Carlos Suíca

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Já que temos trabalhadores do campo e da cidade, vamos convidar, para fazer uso da palavra, representando o segmento da cidade, o nosso vereador de Salvador, Luiz Carlos Suíca.

O Sr. LUIZ CARLOS SUÍCA:- Bom dia a todos e a todas.

Quero saudar a Mesa na pessoa do deputado e trabalhador Rosemberg Pinto, e saudar o Poder Legislativo Municipal na pessoa do meu companheiro Moisés Rocha, vereador, sindicalista e trabalhador.

Quero aproveitar este momento, deputado Rosemberg, para dar um informe, fazer minha propaganda, e dizer que no dia 19 estaremos entregando a Medalha Zumbi dos Palmares ao ícone da literatura negra Osvaldo de Camargo. Aproveito e convido-o a participar desse grande evento.

Entrei no Legislativo Municipal neste ano e tenho o orgulho de dizer que participei e construí três grandes eventos. O primeiro foi no dia 16 de maio, ao comemorar o Dia dos Trabalhadores em Limpeza, uma sessão que nunca foi realizada nesta cidade e nós fizemos. Foi muito concorrida, esse orgulho eu tenho, porque era relativa à minha categoria e que me impulsionou para chegar até aqui.

A outra foi dividida com o companheiro Moisés Rocha: uma sessão especial sobre o Ilê Ayiê. Inclusive, tenho que fazer uns acertos com ele, mas temos tempo, até porque ficaremos por um grande período naquela casa.

E o outro evento foi uma sessão especial sobre a CUT, muito legal, apesar de ter terminado muito tarde. Mas para nós, para mim principalmente, apesar da idade, foi possível fazer uma revisão, contar a história. E quando ouvimos o companheiro Rosemberg, nosso professor, dando aquela aula, foi muito interessante para nós.



Gostaria até de que o companheiro Luiz Alberto estivesse aqui. Ele falou algumas coisas muito importantes para nós, inclusive quando disse, Rosemberg, que nesta Casa temos poucos deputados negros, ou até poucos deputados, também, que fazem o debate da questão racial. Ele falou também da questão das cotas para deputados.

Nós precisamos dizer que tivemos alguns momentos em nossa vida e nossa história em que tínhamos que fazer o debate da questão da consciência de classe, que a CUT, no momento da sua criação, colocava para nós, que éramos os dirigentes, que a gente também precisava colocar no seio dos trabalhadores o que era essa luta de classe, porque quem faz o Legislativo são os trabalhadores, que elegem os deputados, os vereadores que vão fazer política contra ou a favor dos trabalhadores. E isso tinha que ser debatido, tem que continuar sendo debatido com os trabalhadores.

Lembro-me quando Lula chegou à Petrobras, na segunda tentativa, e a gente descobriu que só se ganhava eleições com muitos recursos. E nós tínhamos o maior número de trabalhadores. Lula disse o seguinte: “Se cada trabalhador deste País desse R\$ 1,00 para a campanha eleitoral, nós teríamos a campanha mais rica”. Mas era um debate de luta de classe que precisávamos fazer e continuar fazendo.

Era o mesmo debate que nós precisávamos fazer no movimento negro. Quando a gente militava no movimento negro – eu milito com Luiz Alberto nessa questão racial – uma parte das pessoas dizia que não queria quem fosse sindicalista dentro do movimento negro para não financiá-lo. Isso era um erro, e nós percebemos o quanto erramos naquele momento, porque já poderíamos ter vários deputados estaduais negros, vários deputados federais negros. É um erro, porque a gente precisa financiar essas lutas e não pode errar nunca mais.

A CUT, para nós e para o Sindlimp, que vai fazer 25 anos, sendo 24 anos filiado à CUT, não temos dúvida de que a Central Única dos Trabalhadores é a maior central. Não temos dúvida, deputado Rosemberg, de que o Partido dos Trabalhadores, e tenho dito isso, é o melhor partido, é a melhor política, é o melhor projeto para o Brasil, não tenho dúvida disso! Nós temos algumas questões para serem pontuadas, nós, que viemos do Movimento



dos Trabalhadores de Limpeza Urbana, nós que viemos do Movimento dos Trabalhadores Terceirizados, precisamos fazer o debate da questão da elitização da classe trabalhadora, porque quando esses trabalhadores terceirizados ou esses trabalhadores de limpeza urbana vão para as ruas fazer as suas reivindicações, quando, como fizeram várias vezes, se acorrentam em vários pontos deste Estado para poder reivindicar, é porque a gente acha, ainda, que nós, trabalhadores, precisamos estar nas ruas para defender esse projeto do Partido dos Trabalhadores. Se não for assim, a elite ou a burguesia vai se apossar daquilo que nós construímos com muito suor.

E aí, esse debate que eu chamo da elite dos trabalhadores é que precisa ser revisto. Estava há poucos instantes conversando com um dirigente sindical do setor público-privado, e ela dizia que precisamos “discutir os terceirizados”, como se nós não já estivéssemos discutindo os terceirizados e debatendo com nosso próprio governo qual é a melhor saída para que esses trabalhadores, ou dirigentes sindicais, não tenham que se acorrentar ou tenham que ficar 2, 3 meses com salário atrasado. Porque quando se trata de fazer uma mesa setorial para defender o serviço público, nós, trabalhadores terceirizados ou de limpeza urbana, temos que ficar de fora. Não! Nós impulsionamos também essa máquina! Nós impulsionamos também a máquina pública estadual e a municipal!

Portanto, companheiro Rosemberg, companheiro Cedro, nós precisamos fazer um debate profundo sobre essa questão da PEC 4330 – o que nós vamos fazer com essa PEC 4330? Nós vamos para cima ou vamos recuar? Os próprios trabalhadores vigilantes sabem o quanto sofremos para que possamos ser pelo menos vistos ou ouvidos, para que não continuemos sofrendo.

Quero dizer isso porque todas as vezes em que o movimento do Sindilimp ou o vereador Luiz Carlos Suíca vêm a qualquer tribuna falar desse processo é porque Suíca ou o Sindilimp não reconhecem a CUT ou o Partido dos Trabalhadores como verdadeiro e legítimo representante desse projeto e dessa transformação. Não é verdade.

Assim considero, porque eu não chegaria até aqui, ou o Sindilimp não chegaria até aqui, se não fosse a CUT ou se não fosse o PT. Nós sabemos disso. (Palmas) Mas nós



precisamos fazer um processo de pensar o que é que queremos com esses trabalhadores, porque é o que mais cresce na máquina pública.

Quero dizer, tenho muito orgulho, Dorinha, tenho muito orgulho, Moema, tenho muito orgulho de pertencer a essas duas, falo dessas duas porque cheguei à CUT menino, cheguei como Sindlimp e tenho muito orgulho e levo vocês no meu coração, como o saudoso Acácio, como levo também o meu parceiro Cedro, que tem – como Martiniano – acompanhado o Sindlimp em todas as suas frentes, em todas as suas tarefas.

Portanto, quero dizer que o Partido dos Trabalhadores é o partido da minha família, do meu sindicato, é o partido que vai continuar transformando a luta dos trabalhadores. Mas o vereador ou o dirigente sindical não vai se calar enquanto não houver a transformação real para nossa categoria.

Muito obrigado e vida longa à CUT.

(Não foi revisto pelo orador.)



7632-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or. Moisés Rocha

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quero, neste momento, fazer uma saudação aos companheiros do MSTs, que estão chegando agora, porque estavam fazendo uma manifestação justíssima pela instalação do conselho para debater a moradia urbana. (Palmas.)

Quero, neste momento, chamar outro vereador de Salvador aqui na Mesa, o nosso querido Moisés Rocha. (Palmas.)

O Sr. MOISÉS ROCHA:- Bom-dia a todos os companheiros e companheiras. Quero cumprimentar os componentes da Mesa na pessoa do nosso proponente, deputado Rosemberg Pinto; cumprimentar a nossa assessoria do Dieese, nossa competentíssima, querida Ana Georgina. Em nome desses dois, todos da Mesa, sintam-se cumprimentados; companheiros e companheiras que estão aqui no plenário a nos acompanhar; fazer essa saudação no nome de nossa querida Dorinha, que foi nossa vice-presidente, quando fui diretor de comunicação da CUT; funcionários da CUT aqui presentes nessa atividade, com os quais tive o prazer de conviver durante duas gestões; cumprimentar o movimento social, em nome do levante popular que muito contribuiu para a nossa greve dos trabalhadores da Petrobras, durante a nossa campanha salarial, estando presente em todos os momentos (palmas); cumprimentar os estudantes do Colégio Duque de Caxias, na Liberdade e o pessoal do MSTs.

Mas, Rosemberg Pinto, já houve muitas falas aqui, falas históricas, falas interessantes, falas que muito elucidaram para a gente a história da CUT. Evidentemente que para nós ficam algumas reflexões, e nessas reflexões, Rosemberg Pinto, basicamente, dois pontos, para nós, são extremamente cruciais, Leonardo Pier. Primeiro, tem uma frase de Mário Quintana, porque Mário Quintana dizia que o passado não reconhece o seu lugar, ele



está sempre presente na história, na memória, e quem se atreve a ignorá-lo corre riscos de cometer erros ou até injustiças.

E por que é importante estar falando isso? Porque quando se traça a trajetória da CUT, a história da CUT nós precisamos que os nossos nobres sindicalistas, nesse processo de renovação que é extremamente necessário, não possam desconhecer e relegar essa história, não possam achar que tudo isso já estava pronto. É necessário respeitar aqueles que, durante esses 30 anos, ajudaram a construir a luta do trabalhador e da trabalhadora brasileira, aqueles que perderam sua vida, aqueles que deixaram suas famílias, não puderam acompanhar o dia a dia do crescimento dos seus filhos, para poder fazer essa trajetória ser vitoriosa.

Porque, infelizmente, em alguns momentos, na renovação necessária que acontece, as pessoas esquecem que para podermos avançar nas conquistas, avançarmos na preservação dos direitos, avançarmos na redução da jornada de trabalho, nós precisamos fazer inúmeras lutas; para garantir que nós tivéssemos um presidente da República oriundo da classe trabalhadora foram várias e várias lutas, aqui na Bahia, o governador do Estado oriundo do setor petroquímico. E precisamos, de fato, reverenciar essa história e tê-la como exemplo para continuarmos construindo.

Mas, para além disso, Rosemberg Pinto, e demais companheiros e companheiras, nós não podemos, sob hipótese alguma, esquecer, que a relação capital x trabalho, ela não tem trégua, ela vai ser conflituosa o tempo todo, e que, independente do governo Lula, e agora Dilma, independente do governo Wagner, independente de quem esteja nas esferas do Executivo municipal, estadual ou federal, esta luta precisa ser ampliada e continuar avançando. Nós, que saímos de 48 horas de jornada para 44, hoje temos categorias já reivindicando 36 horas, e temos trabalhadores e trabalhadoras trabalhando 44 horas ainda. Então, precisamos ampliar essa luta para garantir a redução para 40 horas, para podermos avançar para 36 horas.

Precisamos, Cedro, continuar a luta pelo fim do fator previdenciário, nós não podemos aceitar que o trabalhador brasileiro seja penalizado com esse fator previdenciário.



Nós precisamos continuar e ampliar a luta para garantir a aposentadoria especial, criaram um mecanismo para poder escamoteá-la e para poder não garantir ao trabalhador esse direito. E precisamos, como disse aqui Luiz Carlos Suíca, fazer cada vez mais forte essa luta em torno da PL nº 4.330. E isso é importante, qual seja, estes dois rumos. O primeiro rumo é o de respeitar a história, respeitar o passado, respeitar quem construiu. O segundo rumo é o de continuar firme e forte na luta para garantir o futuro melhor. E temos plena convicção, Rosenberg, de que iremos conseguir isso.

Homenageamos os nossos companheiros e companheiras do Ilê Aiyê que, aqui, estiveram e estarão, no próximo dia 20 de novembro, fazendo a Caminhada da Consciência Negra na Liberdade. Convido todos vocês a participarem da caminhada. Mas, lá, existe uma música e com uma poesia que diz assim: *“Ogum mandou lhe dizer. Oxóssi mandou avisar. Não há vitória quando a luta não é justa, não há”*.

Portanto, a nossa luta é justa! (Palmas.)

A nossa vitória é certa, porque somos fortes e somos CUT.

Obrigado e parabéns. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7633-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or. Joviniano Neto

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Parabéns, meu querido Moisés, pela firmeza das palavras, pois conseguiu dar o seu recado no tempo regimental de cinco minutos. Parabéns!

Queria, neste momento, convidar, para usar da palavra, o meu querido companheiro Joviniano Neto que tanto lutou e luta pelos direitos humanos. Tenha certeza de que, na Comissão da Verdade, vamos descobrir muita coisa mais, Joviniano.

O Sr. JOVINIANO NETO:- Saúdo, primeiro, a Mesa na pessoa do deputado Rosemberg que convocou esta sessão especial. Outrossim, saúdo o companheiro Cedro, presidente da CUT e meu presidente. Sou dirigente da APUB – Associação dos Professores Universitários da Bahia. E a APUB é afiliada à CUT há 25 anos. Então, ele é o meu presidente. E tendo só cinco minutos, eu saudarei toda a Mesa através de Peri Falcon.

Eu fui apresentado, aqui, como coordenador da Comissão Estadual da Verdade. Peri Falcon é meu companheiro no Comitê Baiano Pela Verdade composta de membros da sociedade civil. A busca da verdade foi um dos fatores fundamentais e principais para a criação da Comissão Estadual da Verdade. Peri Falcon, hoje, entregou-me, aqui, a página do Diário Oficial do Estado, onde está publicada a restituição dos mandatos dos deputados cassados pela ditadura. (Muitas palmas.)

Um deles é Wilton Valença. Em 1962, os petroleiros elegeram, pela primeira vez, dois deputados: o deputado federal Mário Lima e o deputado estadual Wilton Valença. Os dois foram cassados pelo regime militar. Cedro me falou que eu tinha de falar algo sobre a fundação e a história da CUT, pois eu a acompanhei. É sobre isso que vou tentar falar nos 5 minutos.

A CUT é o resultado e a resposta às modificações causadas pela ditadura militar. O golpe militar de 1964 teve um dos seus alvos: os sindicatos. Temia-se uma república



sindicalista. Invadiu, como fez aqui com o Sindipetro, depredou. Em Feira de Santana, na primeira audiência pública nossa, recebemos depoimentos de como foram depredados os sindicatos. Demitiram-se dirigentes. Mantiveram-se os sindicatos, mas voltados para o assistencialismo, forçando os dirigentes a assumir uma postura colaboracionista e alguns, até, gostavam, pois acomodavam-se ao assumir uma postura de pelegos.

Eles precisavam disso para implantar um modelo que se apoiava no aumento do lucro e na redução do salário real e na redução dos benefícios adquiridos pelos trabalhadores.

Mas a ditadura militar foi conservadora e modernizante. Ela provocou uma mudança na estrutura econômica e na estrutura sindical. Quanto à área econômica, a ênfase passou a ser grande parte para as indústrias de produção de bens de consumo durável como automóveis, por exemplo. A Bahia continuou como a área, basicamente, de insumos. Quanto ao petróleo, nossa base, nós a fizemos no Polo Petroquímico que foi e é muito importante.

Mas, no eixo sindical, destruída a recém-criada CGT, o eixo muda do Rio. Do Sindicato de Portuários, Ferroviários, dos Bancários para o ABC. O Sindicato dos Metalúrgicos, sindicatos nos quais se implantava essa indústria de bens de consumo duráveis. Na Bahia, como é área de proteção de insumos, o eixo se desloca para o Polo Petroquímico e se mantém nas empresas públicas.

O novo sindicato, e a CUT é a expressão do novo sindicalismo, nasce no chão da fábrica, nasce da organização das oposições sindicais contra os pelegos, da mobilização contra o peleguismo. Nasce contra a estrutura sindical que se encontra. Mas nasce com outras características, nasce articulado com os movimentos sociais, com instituições comprometidas com os direitos humanos. Uma delas, que vou realçar, não porque faça parte dela, foi a Igreja. Dom Paulo Evaristo Arns vendeu, aqui, o Palácio Episcopal e usou o dinheiro para construir dezenas de centros comunitários. E era nesses centros que se reuniam as oposições sindicais. Na Bahia, lembro-me do CEAS – Centro de Estudos de Ação Social, como espaço de luta e atuação, de reunião das oposições sindicais, daqueles que depois fundam a CUT e o PT.



A Igreja também forneceu um espaço para que o movimento sindical se implantasse e fortalecesse no campo. E estou olhando, em minha frente, para Fátima Nunes que nasce da luta do campo e da Igreja. (Palmas.)

A CUT incorpora os sindicatos dos funcionários públicos, os antigos profissionais liberais. Os funcionários públicos eram proibidos de se sindicalizar, criaram associações. Essas associações depois se transformarão nos sindicatos, elas crescem, se fortalecem, reativam, em 1977, 1978, paralelamente ao momento do surgimento da grande eclosão dos movimentos em São Bernardo. No momento em que Lula aparece nos movimentos em São Bernardo, quando Lula cria os grandes movimentos e é preso. A Apub foi criada em 1968 e é reativada e fortalecida exatamente nesse período também.

A CUT tem grandes feitos e a sua história está dividida em dois momentos. Passou os primeiros 20 anos como resistência e pressão, enfrentando governos, lutando e conseguindo vitórias. Impedindo prejuízos e conseguindo vitórias, como foi na Constituinte. E 10 anos de relação e pressão sobre governos, os quais grande parte ajudamos a eleger, a CUT ajudou a eleger.

A CUT teve grandes vitórias, vou lembrar duas. Foram muitos anos lutando para que o salário-mínimo conseguisse chegar a 100 dólares. Hoje, já passou dos 300. A organização sindical foi completada no momento em que se assumiu que terminaria nas centrais e não só nas confederações. Mas essa situação de pressionar governos, os quais ajudamos a eleger, coloca necessidades. Por exemplo, manter a independência e ter consciência de que somos amigos, aliados do governo. Mas o governo é um campo de luta, é um campo de pressão. E neles a CUT, a nossa CUT, Cedro, é um instrumento de trabalho, de luta. É o nosso instrumento. Ou como dizíamos no tempo da UNE: é a nossa força e a nossa voz!

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7634-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or. Fátima Nunes

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): - Obrigado, querido Joviniano.

Quero aqui, neste momento, em nome das deputadas aqui presentes, passar a palavra a nossa deputada Fátima Nunes, que vai falar aqui em nome de todos os deputados, em especial de todas as deputadas aqui. Minha querida Fátima Nunes é uma mulher do sertão e também do litoral.

Com a palavra a deputada Fátima Nunes.

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Bom-dia a todos. Quero saudar o presidente desta sessão, deputado Rosemberg Pinto, e proponente desse momento tão especial para a classe trabalhadora.

A mesa é brilhante como vocês todos estão vendo, mas ninguém tão mais especial do que todos que compõem aqui, são apenas tarefas importantes, são vereadores de Salvador, Gilmar e Suíca, que teve que se ausentar; o segundo presidente, Sérgio Guerra, que conheço do estudo porque lá no sertão precisávamos conhecer as mensagens dos estudiosos, dos intelectuais para fortalecer a nossa luta. Então, já o conheço dessa caminhada; nossa companheira de batalha, Elisângela, também do sertão como eu, mas líder nacional; nossa presidente, ex-prefeita, secretária, deputada, muitos títulos, a companheira Moema Gramacho; nosso presidente Cedro, há pouco fiquei ali entre os dois presidentes, fiquei toda forte, um teve que se ausentar, mas o presidente Sérgio continua ali; nossa estudiosa do Dieese e nosso companheiro orientador espiritual da Igreja Católica que acabou de revelar o meu nome aqui, Joviniano Neto; nossa companheira Maria del Carmen presente aqui no plenário, já estiveram presentes aqui também o deputado Bira Corôa e o deputado Paulo Rangel, que precisou se ausentar, é uma responsabilidade grande nessa sessão especial - em homenagem aos trabalhadores organizados na grande central, a Central Única dos Trabalhadores - falar em nome de todos.



Portanto, o que podemos revelar é aquilo que fazemos no dia a dia e acreditamos muito. Tenho dito isso sempre que em qualquer tempo e em qualquer governo necessitará da sociedade civil organizada, participativa, enfrentando e construindo uma correlação de forças que possam buscar melhorias para a classe trabalhadora. Sabemos historicamente nesse País, marcado pela invasão de grãos de outras terras, embora alguns que vieram hoje são parceiros e contribuintes da nossa caminhada, como é a companheira Maria del Carmen, e digo que ela é uma sertaneja naturalizada porque nos encontramos por aquelas regiões de Coité, Serrinha, Bonfim, e ela trabalhando na defesa da melhoria de vida dos baianos, dos brasileiros e do povo do semiárido.

Sabemos que essa sociedade foi marcada por 400 anos de escravidão. Não é fácil modificarmos esses conceitos nessa sociedade marcada por vários conceitos que às vezes estão no palavreado popular. “Mateus, primeiro os teus”, “Se dando bem eu e meu cavalo alazão, a mulher do homem para ou não”, são conceitos populares que na verdade são vivências daquele centralismo de que apenas alguns devem se dar bem e os outros escapam porque Deus é bom e a gente é teimoso e o povo brasileiro é corajoso, se organiza e vai conquistando.

Então, é com esse pensamento que saúdo todos que compõem a Central Única dos Trabalhadores desde o seu nascimento até hoje que completa os 30 anos. Muitos que me antecederam revelaram as conquistas. Tenho consciência de todas elas. Ontem mesmo, quero revelar para vocês a minha alegria. Acompanhei o secretário de Saúde Dr. Jorge Solla acompanhado de um ministro cubano que foi até o interior da cidade de Adustina e do Sítio do Quinto, lá bem no recanto onde ninguém nunca ouviu falar, para visitar os médicos cubanos que estão trabalhando lá, levando a saúde.

Eu digo, às vezes, que no Brasil a política é de doença. Na verdade, queremos e estamos fazendo a política da saúde. Há mais pessoas interessadas em vender remédios, ter clínicas, e por isso são tão contrárias a esse projeto da presidenta Dilma Rousseff.

É nesse conjunto de política - saúdo a minha companheira Cristina, da Central Única dos Trabalhadores de Pombal -, ações e reivindicações que reafirmo a palavra do



vereador Moisés. Celebramos todas essas conquistas hoje e sabemos que elas não caíram prontas do céu. Vieram sempre com esforço e luta, embora tenhamos contado com muitos pastores da igreja que foram solidários e parceiros nessa caminhada. E à medida que celebramos tais conquistas apontamos os novos rumos, os novos caminhos que queremos para os trabalhadores do campo e da cidade. Cidade e campo se transformarão jovens, unidos, e na unidade gritarão.

Parabéns!

(Não foi revisto pela oradora.)



7635-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or. Sérgio Guerra

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, deputada Fátima Nunes, que está com um cabelo bonito. Se eu não fosse casado... Ave Maria! Parabéns!

Registro e agradeço a presença do vereador de Alagoinhas Radiovaldo Costa, que está rodando, segundo ele, com uma visão de Brasília. Graças a Deus, o rumo dele é Brasília. Não é aqui, Salvador.

Passo a palavra ao nosso querido colega e amigo professor Sérgio Guerra, responsável também por essa nova caminhada.

O Sr. SÉRGIO GUERRA:- Boa-tarde a todas. Falando todas, cumprimento todas as autoridades da Mesa, as personalidades presentes e, principalmente, a cidadania que construímos. Enfim, saúdo todas as pessoas.

Lembro de um aspecto que acho extremamente importante: a criação da Central Única dos Trabalhadores. Criamos a CUT em um momento de crise do modelo político brasileiro instituído pela ditadura. A sociedade não aguentava mais aquele modelo declaradamente falido, era preciso construir uma nova sociedade. E nós construímos novas formas de luta.

O sociólogo Sader tem um livro belíssimo no qual diz “quando novos personagens entram em cena.” Nós somos estes novos personagens: sindicalistas, militantes políticos, partidários que haviam abandonado a tentativa da luta armada, e todos os setores organizados da sociedade citados aqui: sem-teto, sem-terra e sem emprego. Todos nós tínhamos um grande apoio, a esperança e a certeza de que seríamos capazes de fazer um mundo melhor.

Fizemos este mundo melhor.

Não perderei tempo dizendo, porque já foi falado, que sonhávamos com um salário mínimo de 100 dólares e, hoje, ultrapassa 300 dólares. E irá para uns “trocentos” pela



política, como já afirmado aqui, porque, no Brasil, a distribuição de renda é uma realidade no campo e na cidade.

Não falarei da Universidade Federal da Bahia que foi uma durante 200 anos, e agora caminha para a sexta; dos Institutos Federal, que o meu companheiro Albertino, diretor-geral, diz que anda doido, pois assumiu com 2 institutos e deixará com 20 - São 10 vezes mais! - o IFBA e as escolas técnicas, mas quero falar da importância da esperança e da construção coletiva na crise. Hoje, estamos vivendo uma crise. E o presidente Lula-costumo dizer que não é uma pessoa, é um encantado - diz que criamos essa crise, porque demos emprego, quase pleno emprego.

Outro dia, vi uma notícia que eu disse que o mundo está de cabeça virada. Na Suécia, os jovens querendo emprego quebraram o pau. No Brasil, quebramos o cacete porque queremos melhores empregos. Queremos 40 horas para sermos felizes, lembrando da linda campanha da nossa CUT. Então, criamos escolas, mas isso não é suficiente. Queremos escolas de qualidade. Queremos escolas que transformem as nossas vidas e a nossa cultura. aqui, vocês viram a beleza do Ylê, que é apenas um emblema dessa revolução cultural que fizemos.

Quero dizer que eu teria muitas histórias para contar. Todas as vezes que encontro Pery e agora Dorinha, minha presidenta preferida, assumimos o compromisso de escrever essas histórias. Direi o mesmo que um antigo candidato da Bahia: “Leiam os meus livros!” Vejam os nossos documentários, porque faremos isso tudo.

Mas aqui e agora, já que a fome está apertando e não é bom passar fome em lugar nenhum, quero dizer que há duas lições fundamentais que aprendemos: a coragem de sermos rebeldes e apostarmos na esperança. E a certeza de que só construiremos isso coletivamente.

Viva a Central Única dos Trabalhadores! Viva a classe trabalhadora! (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, meu querido Sérgio Guerra.

(Não foi revisto pelo orador.)



7636-III

Ses. Esp. 14/11/13

Or. Moema Gramacho

30 anos da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Saúdo Ana Torquato e o deputado Marcelino Galo que não está presente nesta sessão, porque foi à exumação de Jango em Brasília. O deputado Marcelino é presidente da Comissão da Verdade nesta Casa e teve a iniciativa de resgatar os mandatos de alguns parlamentares, por exemplo, Wilton Valença, Giocondo Dias e vários outros companheiros que perderam seus mandatos e as suas vidas nessa luta.

Com a palavra a ex-deputada Moema Gramacho, hoje, secretária e aqui representa o governador Jaques Wagner.

A Sr^a MOEMA GRAMACHO:- Já estamos adentrando à tarde! Boa-tarde a todos e todas! Quero começar dizendo a vocês que diante do avanço da hora, eu havia me preparado para falar por 3 horas, pois são 30 anos, mas vou reduzir para uma hora, fiquem tranquilos. Essa sirene vai tocar algumas vezes.

Quero primeiro cumprimentar o nosso deputado Rosemberg Pinto e dizer da felicidade de estarmos aqui, mais uma vez, com mais uma iniciativa sua de estar parabenizando a Central Única dos Trabalhadores. V.Ex^a tem tido o papel importante nesta Casa de trazer tantas sessões especiais importantes quanto essa. Parabéns! Seu mandato, efetivamente, nos orgulha muito, e eu fico feliz ainda por ser companheira sua de muitos anos. Juntos acompanhamos esses 30 anos de CUT.

Apenas para ganhar tempo, gostaria que todas as demais presenças na Mesa se sentissem devidamente nominadas, apenas para ganhar tempo, não por menos importância.

Gostaria de cumprimentar todas e todos os trabalhadores aqui presentes, mas gostaria de eleger uma classe trabalhadora para fazer uma homenagem neste momento, essas companheiras que trabalham de forma silenciosa, as taquígrafas desta Casa (palmas). Apesar de trabalharem silenciosamente, temos obrigação de ouvi-las diante dos seus direitos e da



magnitude do seu trabalho. Portanto, parabenizo essas mulheres, na sua grande maioria, guerreiras desta Casa legislativa, das quais tive o prazer de desfrutar da amizade e da companhia durante muitos anos nesta Casa.

Falar de 30 anos de CUT em tão pouco tempo é um desafio enorme; tentarei fazê-lo. Foi muito importante que todos que me antecederam fizessem um histórico. Vou tentar, Rosemberg Pinto, pinçar algumas coisas que me lembro e que considero importantes para serem resgatadas.

Primeiro, digo o quão importante é ter uma Central que começou a partir de alguém, como disse Sérgio Guerra, iluminado. Tem uma frase que é importante repetirmos. Essa frase foi dita em São Bernardo e dizia: “que ninguém jamais ouse duvidar da capacidade de luta da classe trabalhadora brasileira”. Quem disse essa frase?

(A plateia responde: Lula.)

A Sr^a MOEMA GRAMACHO:- Esse operário que já lá atrás tinha essa visão do quanto era importante organizar a classe trabalhadora em sindicatos, criando um partido político que poucos acreditaram ser possível construir. Mais do que construir, esse operário nos deu essa felicidade de, em tão pouco tempo de existência, estarmos presidindo o país durante três mandatos, e vamos continuar presidindo mais ainda. (Palmas.)

E nos deu oportunidade de hoje podermos estar aqui comemorando esses 30 anos de organização da classe trabalhadora na maior central de trabalhadores do País, e na quarta maior central de trabalhadores do mundo. Essa CUT que tem a grandeza de cuidar das questões mais elementares até as questões maiores. E foi assim que ela conseguiu modificar a vida do trabalhador brasileiro. Como disse Guerra, a nossa luta era por 100 dólares de salário mínimo. Hoje estamos em trezentos dólares e queremos ampliar mais.

Mas, é importante que façamos essa ressalva do quanto já tivemos de conquista, fruto da luta de muitos que hoje não estão mais aqui. Não estão mais aqui, muitos por questões naturais, mas muitos não estão mais aqui pela força da repressão, pelo autoritarismo, muitos tiveram suas vidas ceifadas, muitos foram torturados e hoje não estão aqui, mas temos obrigação de fazer referência a essa luta desses companheiros que



guerrearam e perderam suas vidas para que hoje pudéssemos estar aqui comemorando a construção de 30 anos desta central.

Quero também resgatar companheiros que dedicaram suas vidas a essa construção, como o nosso velho companheiro Acácio Araújo. (palmas) Tive a felicidade de desfrutar da companhia de Acácio, e aprendi tanto. Vale à pena resgatar.

Saí da Escola Técnica Federal em 1977, mas em 76 eu já adentrava na Católica e tive a felicidade de conhecer Rosenberg, não dentro da universidade. Nos encontramos, Rosenberg, pela primeira vez, na frente da Católica, está lembrado, Rosenberg? No bar, no Omolu. Mas na Católica eu aprendi os conceitos teóricos da Biologia, mas aprendi sobre a vida na Central Única dos Trabalhadores. Foi lá que aprendi a entender o ser humano enquanto ser social e, portanto, foi a grande escola da minha vida quando adentrei a Central Única dos Trabalhadores.

Lembrar aqui Acácio, Zé Olívio e tantos outros companheiros(...)

O Sr. PRESIDENTE (Rosmberg Pinto):- Paulo Jackson.

A Sr^a MOEMA GRAMACHO:- Vou chegar lá.

(...) mas queria dizer que Peri Falcon, esse companheiro sério, um companheiro que tem uma retidão perfeita na defesa dos interesses da classe trabalhadora e da sociedade brasileira, também nos ensinou muito. Muito obrigada, Peri, por tudo que aprendemos com você. Nós, trabalhadores, devemos fazer esse agradecimento.

Aprendemos no movimento sindical, e também nesta Casa Legislativa, com um dos maiores sindicalistas e um dos maiores deputados que a Bahia já teve, e vejo aqui o nosso companheiro Elísio presente, que foi o deputado Paulo Jackson, pela ordem, muito saudoso de todos nós (palmas). E Paulo era aquele companheiro que todas as vezes que tínhamos que tomar um sindicato dos pelegos dizíamos: - chama Paulo Jackson. E foi assim que tomamos o Sindicato dos Rodoviários da mão dos pelegos, através de uma grande luta da Central Única dos Trabalhadores, de todos os militantes e também do deputado Paulo Jackson, que falava duro, firme e que era respeitado por todos.



E assim poderia passar a tarde aqui lembrando de grandes companheiros, alguns que não estão mais entre nós e outros como aquele dinossáurico também como nós, o companheiro Itaparica, o companheiro Negão, e vários outros aqui presentes e que com certeza dignificam a história da classe trabalhadora brasileira.

A Central Única dos Trabalhadores cuidava da defesa, da economia, dos salários, mas não deixava de cuidar da saúde, e foi assim, e tenho muito orgulho de dizer que fundamos a comissão de saúde da CUT/Bahia, e que deu exemplo para ser fundada a comissão de saúde da CUT/nacional, e a gente, a partir dessa luta pela saúde, tivemos a campanha da Alerta aí!, em defesa dos portadores lesionados pela LER; a campanha contra o benzeno, por conta de muitos e muitos trabalhadores que respiravam o benzeno e que morreram; fizemos a campanha contra a surdez ocupacional; fizemos a campanha contra a silicose, que matava os trabalhadores da mineração; fizemos campanha contra todas as doenças ocupacionais que ceifavam vidas e daquelas que faziam com que tivéssemos mutilados, como a questão do sisal e como aqueles que adoeciam os trabalhadores, como o caso das doenças dos trabalhadores rodoviários.

Mas queria dizer, deputado Rosemberg, que também tive muito orgulho de fazer parte do Instituto Nacional de Saúde do Trabalho da CUT/nacional, sendo membro da sua direção, e fizemos muitas lutas para incluir na legislação brasileira direitos da classe trabalhadora, como foi a lei do benzeno, que não era considerado como agente cancerígeno e passou, pra entrar na legislação brasileira, como agente cancerígeno a partir do Instituto Nacional de Saúde do Trabalho da CUT. Então, temos muitas histórias a contar.

Mas queria contar mais uma história, a gente, naquela Rua da Mangueira, perto do Colégio Central, estava à porta junto com esses companheiros que faço questão também de citar aqui, que são os servidores da CUT daquela época, que eram servidores e militantes, e queria dizer que temos aqui Ritinha, Eurídes, as companheiras Sandra, Carmem, o companheiro Sobral, Cristóvão, também o companheiro José Bernabé e tantos outros companheiros, desculpem-me se esqueci o nome de alguém – e estávamos na CUT quando, de repente, aparece na porta da CUT uma pessoa, uma moça, ainda jovem também, e me fez



a seguinte pergunta: onde é que fica a CUT? Eu fiz: é aqui. Ela fez assim: – eu queria que a CUT me ajudasse a organizar uma classe trabalhadora que fica esquecida. Eu gostaria de saber como eu faço para organizar.

Sabem quem era essa pessoa? Nada mais nada menos do que a companheira Creuza. (Muitas palmas.) Sabem quem eram essas pessoas? As trabalhadoras domésticas da Bahia. Foi assim que começou o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos no Estado da Bahia. Nós emprestamos uma sala, na CUT, para Creuza entrar. E, a partir daquela sala, ela construiu um dos maiores sindicatos que existe hoje. Creuza tornou-se esta grande liderança e a referência das mulheres negras e em defesa de uma categoria tão importante para a nossa vida como a categoria das domésticas.

(A oradora não contém as lágrimas.)

Peço desculpas pela emoção, porque, ao lembrar como tudo aconteceu, eu me emociono. Não é Pitanga? (Muitas palmas.)

Quero lembrar um companheiro chamado Boaventura. Vejam, a luta da CUT não era só na cidade, mas também no campo. Tantos foram companheiros como Manoel Messias, Evangelista e Boaventura que construíram o Sindicato dos Trabalhadores Rurais; carregaram esse sindicato e fizeram, efetivamente, a transformação das políticas rurais em nosso estado e no País.

O dia 1º de maio passou, efetivamente, a ser celebrado com luta, não apenas com festa, a partir da Central Única dos Trabalhadores! Este era o momento da concretização das lutas, das grandes conquistas e das reivindicações históricas das classes trabalhadoras baiana e brasileira.

Hoje, vemos as pessoas indo para as ruas querendo mais. Isso é normal, porque, a cada realização um sonho, queremos ver outro realizado. Quanto àqueles que estão indo para as ruas dizendo que acordaram, é bom. Que eles venham se somar a nós que nunca dormimos, pois, sempre, estivemos nas ruas, nas lutas e na defesa das conquistas! (Palmas) Quanto aos que acordaram agora, eles não podem se esquecer de que nós, efetivamente, ajudamos a construir uma mudança na Bahia. (Palmas.)



Fui deputada, nesta Casa, por três mandatos. Fiz oposição ao carlismo. Sei o que era ser deputada de oposição. Sei o que sofriam os sindicatos e os movimentos sociais quando esta Bahia era governada através do chicote!

Sabemos o quanto foi importante eleger um operário para ser governador da Bahia! Sabemos o quanto foi importante garantir para que, hoje, tivéssemos mais universidades, mais escolas técnicas, mais acesso às universidades através de cotas para negros e para os alunos oriundos das escolas públicas e mais pessoas alfabetizadas.

O governo Jaques Wagner já alfabetizou mais de um milhão de pessoas. E, também, através do governador Jaques Wagner, foi proporcionada a criação de mais de 500 mil novos empregos na Bahia e com carteira assinada! Conseguimos essas e outras conquistas, porque temos um operário à frente do governo do estado da Bahia.

Há um operário que tem o orgulho enorme de ter construído, junto com ele, o Sindiquímica que faz parte da história da CUT, a Central Única dos Trabalhadores, além do Partido dos Trabalhadores.

Essas duas instituições se confundem, porque uma é partido e a outra, central de trabalhadores que tem de ser autônoma e que tem de ser independente.

No entanto, não se pode deixar de entender que há o lado. E este lado é o do projeto democrático, ou seja, o projeto de inclusão que tirou 36 milhões de pessoas da pobreza! Hoje, nós somos referência mundial com o Bolsa Família, projeto de caráter estruturante que mexe nas economias micro e macro! Este projeto, encabeçado pelo presidente Lula, foi defendido pela Central Única dos Trabalhadores. E, agora, este mesmo projeto é defendido pela primeira mulher a ocupar o cargo de presidente da República de nosso País.

São essas as conquistas que não podemos deixar passar através daqueles que estão indo, agora, para as ruas. Os atuais manifestantes, que estão indo agora para as ruas, ou não eram nascidos antes de nossa luta ou os atuais manifestantes, agora e efetivamente, resolveram acordar. Nós precisamos estar lembrando! Porque, senão, ou melhor, do



contrário, nós teremos de cantar a música de Edson Gomes que diz “senão a gente acaba perdendo o que já conquistou!”

“A gente acaba perdendo o que já conquistou.” E a gente não quer perder o que já conquistou.

Parabéns pelos 30 anos à CUT! Parabéns a você, Rosemberg! Parabéns aos trabalhadores!

Central Única dos Trabalhadores! Central Única dos Trabalhadores!

(Não foi revisto pela oradora.)



DL-02

Ses. Esp. 14/11/13

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- O.K., minha querida Moema Gramacho.

Quero, neste momento, agradecer as palavras da nossa querida secretária. Sem dúvida alguma, você vai ter um papel importante em Brasília, Moema.

Chamo algumas pessoas para que possamos prestar-lhes homenagens desta Casa.

Para receber uma placa de homenagem, convido o presidente da Central Única dos Trabalhadores, Cedro. E, para entregá-la, o meu querido Paulo César.

Só hoje eu vim a saber que o nome de Pitanga na realidade é Edvaldo. Só sabia Pitanga. Nesta quinta-feira, descobri que o primeiro nome dele é Edvaldo. Agora convido a nossa querida Ana Georgina Dias, do DIEESE, para fazer a entrega da homenagem ao nosso guru do Sindsef, Edvaldo Pitanga.

O nosso querido ex-presidente da CUT Pery Falcon, para entregar a homenagem à nossa querida companheira Nadilene Sales, do Sindae - do mais antigo para a mais jovem.

O meu querido Donizeti, para fazer a entrega da homenagem a Maria Cristina Brito, representando o Sinergia. (Palmas.)

Convido o Sr. Bernardino Gaiozo, do Sindpoc. Para entregar-lhe a homenagem, convido esse defensor intransigente dos direitos dos trabalhadores, Sérgio Guerra.

(O Sr. Sérgio Guerra entrega a placa ao Sr. Bernardino Gaiozo.) (Palmas.)

Eu iria convidar Moema Gramacho para entregar a placa a meu querido Itaparica, mas vou inverter: eu entrego a placa a Itaparica e ela entrega a Dorinha.

Convido o meu querido companheiro de longas datas Carlos Itaparica para receber a homenagem da Assembleia Legislativa, pelo Sindiquímica.

(O deputado Rosemberg Pinto entrega a placa ao Sr. Carlos Itaparica.) (Palmas)

Convido o Sr. Djalma Queirós, do Sindivigilantes. Para entregar-lhe a homenagem, convido a deputada Maria del Carmen.

(A deputada Maria del Carmen entrega a placa ao Sr. Djalma Queirós.) (Palmas.)



Convido Isabela do Carmo, do Sincotelba. Para entregar-lhe a homenagem, convido o nosso querido vereador da Cidade do Salvador, Moisés Rocha.

(O vereador Moisés Rocha entrega a placa a Isabela do Carmo.) (Palmas.)

Convido Joviniano Neto, representando a Apub. Para entregar a homenagem a Apub, convido Elisângela Araújo, da Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar. (Palmas.)

Convido a nossa querida Dorinha da CUT, para receber essa homenagem, essa honraria desta Casa das mãos da nossa querida Moema Gramacho (Palmas.)

Convido Mário Neto, da Consulta Popular, para receber a homenagem das mãos da nossa querida Ana Torquato, que representa o deputado Marcelino Galo (Palmas.)

Convido nossa Gabriela Lima, da Marcha das Mulheres, para receber essa homenagem das mãos do nosso dirigente Leonardo Urpia (Palmas.)

Convido uma figura significativa para o Movimento Sindical Baiano, Creusa Santos, para receber essa homenagem das mãos de Rosane Bertoti da Central Única dos Trabalhadores, nossa secretária de Comunicação (Palmas.)

Convido Rivaldo Souza do Sindigráficos, para receber a homenagem das mãos de Radiovaldo Costa (Palmas.)

Convido o nosso querido Ivan Andrade do Levante Popular, para receber essa homenagem das mãos do nosso querido Jaime Cardoso. O Sindiquímica formou muita gente, Jaime começou no nosso Sindiquímica, trabalha na minha assessoria, e hoje virou advogado agora. E, aqui, ele me enrola (risos) que é danado (risos), pois trabalha em minha assessoria. Agora, ele virou advogado. (Palmas.)

Faço uma saudação especial ao nosso querido colega e deputado estadual J. Carlos.

Convido, agora, Hélio Ferreira, dos Rodoviários, para receber a placa das mãos do meu querido dirigente do SindiQuímica, Pinheiro. (Palmas.)

(O Sr. Pinheiro procede à entrega da placa ao Sr. Hélio Ferreira.) (Palmas.)



Convido a nossa querida Maria Helena de Sousa, do MSTS, para receber a honraria das mãos da Sr^a Aldenira Sena, vice-presidente do Partido dos Trabalhadores. (Palmas.)

(A Sr^a Aldenira Sena procede à entrega da placa a Sr^a Maria Helena de Sousa.)

(Palmas.)

Convido a Sr^a Elisângela para receber a placa das mãos da nossa querida Vanusa Pitanga. (Palmas.)

(A Sr^a Vanusa Pitanga procede à entrega da placa a Sr^a Elisângela.) (Palmas.)

Convido o Sr. Edson Conceição, do Sindilimp (palmas), para receber a homenagem das mãos da nossa querida Dorinha da CUT. Este é o caso em que a homenageada faz, também, homenagem.

Edson, lá na CUT, é conhecido como o “ministro da guerra”. Toda vez em que há qualquer tipo de manifestação ou que há embate, ele é chamado, pois é o coordenador por lá. Para a paz, chama-se o presidente; mas para a “guerra”, chama-se Edson. (Palmas.)

(A Sr^a Dorinha da CUT procede à entrega da placa ao Sr. Edson Conceição.) (Palmas.)

Convido o nosso querido Cedro, presidente da CUT, para entregar a placa ao ex-presidente da CUT, Peri Falcon. (Palmas.)

(O Sr. Cedro, da CUT, procede à entrega da placa ao Sr. Peri Falcon.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Queria convidar agora - lógico que todos vão se sentir homenageados, e temos ainda mais duas placas - o nosso querido Sérgio Guerra, que vai receber essa placa em nome dos organizadores deste evento. Eu aqui só fiz falar, foi o nosso mandato que o organizou. Por isso, convido Antônio Carlos, também dirigente sindical, para fazer a entrega ao homenageado. (Palmas.)

(O Sr. Sérgio Guerra recebe a homenagem.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Está mais aplaudido do que eu.

Só faltam duas placas. Em seguida, vamos tirar as fotos e depois teremos a apresentação do Ilê Ayiê. Após ela, o almoço.



Em nome da Casa e fazendo uma homenagem também a estes servidores nossos, convido Conceição para entregar essa placa à nossa querida Ana Georgina Dias, do DIEESE. Conceição cuida da gente todos os dias aqui na sala do cafezinho, é torcedora do Vitória, doente como eu, e está chateada porque tomamos 3 a 1 do Cruzeiro.

(A Sr^a Ana Georgina Dias recebe a homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quero convidar Emanuelle Neri, do Sindicato dos Assistentes Sociais, que vai receber a placa, e também Marleide, a presidente. Quem vai entregá-la - nada mais justo - é a nossa querida Moema Gramacho. (Palmas!)

(As representantes do Sindicato dos Assistentes Sociais recebem a homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- É o mais novo sindicato criado aqui, o dos assistentes sociais do nosso Estado, filiado à Central Única dos Trabalhadores.

Agora vamos ver se as lentes dessas máquina funcionam para fazer as fotos. Vamos fazer esta foto.

(O Sr. Presidente Rosemberg Pinto grita: “Central Única dos Trabalhadores”, e a plateia repete.)

Como em qualquer manifestação, mesmo na guerra, temos a capacidade de sorrir e de nos alegrar, quero chamar para fazer o encerramento desta sessão especial, de forma festiva, o grupo Ilê Aiyê.

Agradeço a presença de todos.

(Apresentação do grupo Ilê Aiyê.)